

Território e Música: As Alterações Espaciais Provocadas pelo Festival de Jazz & Blues na Cidade de Rio das Ostras¹

Indira RODRIGUES²
Micael HERSCHMANN³

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

Resumo

Desde 2002, o Festival de Jazz & Blues ocorre na cidade de Rio das Ostras, localizada no estado do Rio de Janeiro. O evento gratuito que inicialmente possuía a função de apenas trazer para a cidade litorânea um turismo de classe social alta, atualmente se mostra como intenso catalisador de transformações espaciais e culturais em seu território urbano. Objetiva-se por meio deste artigo analisar tal fenômeno e se ele se revela um evento isolado na cidade ou uma nova possibilidade de transformações sociais e territoriais espontâneas a partir do entretenimento musical aberto. Para tal intento, faz-se uso de bibliografia relacionada e de documentos oficiais disponibilizados pela secretaria de turismo da cidade.

Palavras-chave: música; território urbano; rio das ostras; jazz & blues; comunicação.

Introdução

Este artigo visa analisar a atual cena de Jazz & Blues presente em Rio das Ostras – localizada na região dos lagos, do estado do Rio de Janeiro –, e as alterações espaciais e sensíveis do gênero musical na cidade carioca. Tal cenário mostra-se vinculado diretamente ao Festival de Jazz & Blues de Rio das Ostras, que ocorre anualmente na região. A ideia é fugir de uma pesquisa puramente burocrática e tentar mapear o fenômeno ocorrente na cidade por meio de sua própria geografia e população – focando no interior social, mais que em seu formato vendido para fora (LATOURE & HERMANT, 1998, p.09).

Embora o termo Jazz & Blues só tenha sido vinculado ao gênero musical em meados do século XX, na cidade de Chicago (Estados Unidos da América), os elementos para a sua criação datam de algumas décadas anteriores. De acordo com o historiador Sérgio Porto, os primeiros aspectos daquilo que seria o Jazz & Blues no futuro já podiam ser reconhecidos nas cantorias e rodas de dança executadas pelos escravos negros em meados do século XIX (PORTO, 1953, p.07).

Na mesma época, a cidade de Nova Orleans, localizada no interior sul dos Estados Unidos da América, às margens do rio Mississippi, é descrita por Porto como “pequena e

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Música e Entretenimento do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Curso de Comunicação da ECO-UFRJ, email: indiraroliveira@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor Doutor do Curso de Comunicação da ECO-UFRJ, email: micaelmh@globo.com

pitoresca” (PORTO, 1953, p.10). A região recebia visitantes de diversas nações, vindos nas barcaças que trafegavam pelo seu porto constantemente, em busca de “fazer fortuna no próspero comércio local” (PORTO, 1953, p.23).

E foi a mistura do ritmo dançante dos negros, exposto aos diversos viajantes que frequentavam a cidade, que facilitou a dispersão pelos Estados Unidos do gênero musical que se tornaria o Jazz & Blues. Um aspecto necessário de ser ressaltado para a compreensão dessa pesquisa é que, embora o gênero tenha se tornado uma música elitista com o tempo, de acordo com historiadores, inicialmente o Jazz & Blues surgiu de um meio popular (HOBBSAWM, 2005).

Se no início do século XX, Nova Orleans poderia ser caracterizada como “pitoresca”, o povoado que viria a constituir a cidade de Rio das Ostras mal seria considerado um vilarejo. Ainda assim, há registros de uma intensa movimentação de viajantes na região.

A pesquisadora Maria Lima descreve:

por sua localização a beira mar e a meio caminho entre os engenhos de cana de açúcar do norte fluminense e a capital [Rio de Janeiro], Rio das Ostras sempre foi uma das paradas obrigatórias dos viajantes. O rio obrigava todos a uma travessia que dependia ora das marés, ora do estado da ponte, fazendo com que os viajantes se detivessem por algum tempo nos arredores do arraial (LIMA, 1998, p.87).

E, mais curiosamente, nota-se o registro de uma série de fugas de escravos do estado do Rio de Janeiro em direção à região. De acordo com Lima, “não eram poucas as fugas ‘para os lados’ de Rio das Ostras e barra de São João. Os quilombos se refugiavam nos sertões, nunca próximos à foz do rio, por ser local de forte vigilância das autoridades” (LIMA, 1998, p.80).

Levando em consideração tais relatos, percebe-se uma possível semelhança entre a pitoresca Nova Orleans e a ainda vilarejo Rio das Ostras. Ambas as localizações possuíam uma intensa movimentação de viajantes, que absorviam cultura tão simplesmente quanto à distribuía; a presença forte de escravos negros, aqueles que originaram os primeiros atributos musicais do que viria a ser o Jazz & Blues; e uma população estabelecida interiorana, ainda em processo de desenvolvimento, e talvez desgarrada de uma noção política de organização coletiva que o pesquisador Hobsbawm (2005) considera característica de apreciadores do Jazz & Blues.

Porém tais atributos coincidentes só seriam de fato colocados em pauta a partir de 2002, com a chegada do Festival de Jazz e Blues, na cidade, agora em pleno desenvolvimento, de Rio das Ostras.

O Festival

Em 2000, o produtor Stênio Mattos, residente de São Paulo (SP), recebeu a proposta de Gilberto Menezes, então Secretário de Turismo de Rio das Ostras, de realizar um festival instrumental na cidade fluminense. A ideia era trazer um público mais lucrativo para alavancar o turismo da região durante o verão e Menezes acreditava que o instrumental teria esse efeito. A iniciativa foi considerada lucrativa e após dois anos de execução, Stênio Mattos decidiu aproveitar a ideia para estabelecer um festival de Jazz & Blues em Rio das Ostras.

O projeto deu certo: atraiu turistas e conseguiu até alavancar a movimentação na cidade durante o inverno. Porém, talvez um fenômeno curioso a surgir a partir do festival foi a adaptação dos moradores ao gênero Jazz & Blues, antes desconhecido à cidade. Atualmente, Rio das Ostras possui uma intensa cena de Jazz & Blues, mesmo fora da época do Festival, representada por cursos acadêmicos, eventos públicos, bandas instrumentais originadas na região e novos comércios que foram inaugurados após a criação do evento. Um dos aspectos que pode explicar o sucesso do Festival de Jazz & Blues de Rio das Ostras é o fato de que o evento sempre foi gratuito e realizados em locais de fácil acesso da cidade. Percebe-se que, assim como outros movimentos culturais de sucesso no estado do Rio de Janeiro (NEGUS, 2011), para que entenda-se o potencial do evento como forma de expressão cultural e comunicativa “é necessário entendê-lo como negócio que unifique (...) o artista e o público de diferentes maneiras” (NEGUS, 2011, p.64). A gratuidade do evento e a localização de seus palcos permitem que qualquer passante ou morador da cidade de Rio das Ostras possa apreciar o entretenimento sem planejamento prévio ou constrangimento relacionado a *status* social – a maior parte do público do festival o frequenta ainda com roupa de praia.

Um novo argumento para a popularização do evento é o crescimento do público apreciador do Jazz & Blues no estado no Rio de Janeiro que vem sendo notado nas últimas décadas, fenômeno que causou surpresa para a mídia e cenas musicais do país (HERSCHMANN & FERNANDES, 2014). Talvez seja difícil aplicar tal crescimento em uma cidade interiorana como Rio das Ostras, porém a influência carioca na cidade

aumentou notavelmente desde o início dos trabalhos na Bacia de Campos (Macaé – RJ) e a incidência de moradores vindos do Rio de Janeiro na cidade - por razões de clareza argumentativa tal tópico será melhor explanado apenas ao final desse artigo.

Além do crescimento da popularidade do Jazz & Blues, o próprio formato do festival é algo que parece estar atraindo cada vez mais consumidores. De acordo com Herschmann (2010):

nos últimos anos, é possível constatar o crescimento dos rendimentos com concertos ao vivo. Mesmo com o mundo vivendo um período marcado pela crise econômica, o mercado de shows musicais apresentou um crescimento de 10% em 2008, movimentando cerca de US\$ 25 bilhões, entre venda de ingressos, publicidade e direitos de imagem (HERSCHMANN, 2010, p.159).

No Brasil, esse mercado de festivais e concerto ao vivo tem se expandido cada vez mais. A Associação Brasileira dos Produtores de Festivais de Música Instrumental, Jazz & Blues (Abrafest) foi criada em 2010, com Stênio Mattos (produtor do Festival de Jazz e Blues de Rio das Ostras) eleito presidente, e conta com mais de 16 festivais nacionais representados, sendo apenas a primeira das muitas associações que vem surgindo para explorar esse novo cenário de música ao vivo.

Assim, percebe-se que o festival de Rio das Ostras surge como um pioneiro – sua criação foi em 2002, o registro de aumento de concertos ao vivo no Brasil data de 2008 – de um movimento que já estava em andamento no país. Dessa maneira, a popularização do evento se encontra dentro de um contexto no qual “se vivencia uma totalização dos mercados econômicos e simbólicos transnacionais” (CANCLINI, apud HERSCHMANN, 2010, p.153).

O setor hoteleiro agradece?

De acordo com Relatório de Demanda da cidade de Rio das Ostras (2014), disponibilizado por Edmilson de Oliveira, representante da Secretaria de Turismo de Rio das Ostras⁴, o aumento do interesse turístico na cidade na época do Festival de Jazz & Blues é marcante, mas não tanto quanto o planejado. O documento mostra que o festival é o evento de maior atrativo de turistas da cidade e o único que atrai o consumidor de 26 a 55 anos, de alto poder aquisitivo, ensino superior completo e vem para a cidade em automóvel próprio. Porém, mesmo que a grande maioria dos turistas se hospede em pousadas e hotéis,

⁴ Entrevista com Edmilson de Oliveira, concedida à autora em 31/07/2014

não são eles os maiores incentivadores do Festival de Jazz & Blues. Embora o evento seja o maior atrativo de consumidores para a cidade, não são esses seus maiores seguidores e participantes.

De acordo com número disponibilizados por Mattos mostra que a grande maioria do público do festival são moradores de Rio das Ostras, principalmente residentes das regiões interioranas da cidade. Tal aspecto tem causado conflito entre setor hoteleiro e comercial da cidade. Afinal, grande parte do patrocínio para o evento vem mesmo de hotéis e pousadas, mas estes não vem se mostrando os maiores beneficiários do festival. Assim, há uma imposição recente por parte de tal setor exigindo o fim da gratuidade do evento, de maneira a limitar o público e talvez trazer ainda mais turistas para a cidade em busca de um evento mais elitizado.

O setor comercial, porém, discorda de tal argumentação em vista que boa parte do público se movimenta para o centro da cidade e causa uma movimentação econômica em lojas e restaurantes, ainda que não seja por parte de consumidores de alto poder financeiro. E é esse apoio do comércio que vem mantendo o evento gratuito pelos últimos treze anos de sua duração.

Os palcos e suas posições estratégicas

O Festival de Jazz & Blues de Rio das Ostras conta com três palcos, que amostram bandas de 9h às 00h durante os quatro dias de evento. De acordo com Edmilson de Oliveira, a escolha das localizações onde se situam tais palcos não foi por acaso:

No início era Mar do Norte, Lagoa do Iriry, Praia da Tartaruga e a área de eventos de Costa Azul. Cada ponto era uma visão: em Mar do Norte pensava-se em levar o turista para lá, porque é um ponto muito bonito que pouca gente conhecia; na Lagoa do Iriry, também, fazer com que o povo conhecesse ali – (...) mas depois tirou-se o Mar do Norte, porque mudamos o evento para o inverno e lá ficava complicado nessa época - e mais adiante acrescentou-se a Concha Acústica, como primeiro show. Ali era uma forma de utilizar um local abandonado. E a Concha é mais central, né? Todo mundo tem acesso com mais facilidade⁵.

Percebe-se assim que inicialmente um propósito territorial voltado para o turismo – o Mar do Norte pouco visitado dada a sua distância do centro da cidade -, logo perdeu a vez para a facilitação do acesso do público local e mais que isso, a “ressignificação” (HERSCHMANN & FERNANDES, 2011) de um espaço anteriormente abandonado. E a ideia funcionou: atualmente a Concha Acústica, localizada próxima a Casa de Cultura da

⁵ Entrevista com Edmilson de Oliveira, concedida à autora em 31/07/2014

cidade, muda de cara na temporada do festival. Um espaço anteriormente frequentado por moradores de rua e de aspecto perigoso para os riostrenses, durante o evento torna-se um espaço infantil, de apresentações culturais reservadas para um público principalmente composto por famílias. Além disso, o uso do espaço se tornou tão funcional devido a sua localização próxima a praia que começou a ser utilizado também para outros eventos fora da temporada do Festival de Jazz & Blues.

A Praia da Tartaruga, anteriormente apenas espaço de pesca hoje é um dos maiores símbolos da cidade. Como consequência, pousadas e comércio surgiram na região, compondo quase uma extensão do centro da cidade. E essas não foram as únicas modificações estruturais notadas após o surgimento do festival em Rio das Ostras.

Mattos enumera:

Com o Festival, a UFF [Universidade Federal Fluminense] abriu um curso de produção cultural pela demanda; tem uma orquestra na cidade; tem uma oficina de construção de instrumentos; sem contar o tanto de barzinho que surgiu com essa temática de jazz⁶.

O produtor ainda conta que em 2014 pela primeira vez, foi promovido um concurso de bandas regionais para tocar no palco principal do evento. Para a sua surpresa, foram mais de cinquenta e cinco inscrições, sendo que entre as dez bandas finalistas, seis eram de Rio das Ostras.

Assim, considerando as mudanças ocorrentes na cidade e as estratégias utilizadas para pensar os palcos do evento, nota-se que em certa medida o interesse pelo Jazz & Blues “na realidade evidencia apenas uma receptividade do público em relação aos concertos realizados nos espaços públicos” (HERSCHMANN & FERNANDES, 2014, p.171). Ou seja, a gratuidade do evento e seu fácil acesso se colocam como parte de um conjunto de aspectos que tornam o Festival de Jazz & Blues tão popular. O Jazz & Blues, ao invés de representar apenas um gênero refinado e elitista é traduzido para um encontro, um lugar de experiência, que atraem um público diversificado e muda a cara costumeira dos eventos de instrumental no país.

Afirma Fernandes (2011):

o nomadismo atual permite-nos ampliar nosso espectro de interação cotidiana no momento em que nos deslocamos entre territórios simbólicos, linguísticos e de diferentes formas de vida sociocultural. Igualmente, os limites territoriais, no sentido socioantropológico, são redefinidos conforme as relações e interações vão ocorrendo no cotidiano vivido (FERNANDES, 2011, p.268).

⁶ Entrevista com Stênio Mattos, concedida à autora em 18/08/2014

Dessa forma, percebe-se que as alterações espaciais ocorrentes em Rio das Ostras a partir do surgimento do Festival de Jazz & Blues resultaram não apenas em modificações territoriais, mas também em uma transformação social. Sem qualquer intenção, os criadores do evento possibilitaram uma intensa troca de posições de classes na cidade, além de uma inclusão social espontânea, a partir do fácil acesso ao festival por parte de qualquer habitante da cidade.

Assim, “as territorialidades são, pois, atravessadas, de um lado a outro, por linhas de fuga que dão prova da presença, nelas, de movimentos de desterritorialização e reterritorialização” (DELEUZE & GUATTARI, 1995, p.71). Ou seja, as construções sociais e espaciais se mostram intensamente interligadas na cidade. A partir de uma nova movimentação social causada pelo festival – por exemplo, habitantes interioranos da cidade começam a frequentar a Costa Azul, praia conhecida como recanto elitista de Rio das Ostras -, percebe-se uma série de modificações espaciais – em troca, pessoas de classe financeira alta passam a frequentar a Concha Acústica e a estrutura do local começa a receber demanda de melhorias da prefeitura. Dessa forma, o conceito de território se mostra aplicado na cidade litorânea dentro do contexto de “conjunto de projetos e representações nos quais vai desembocar, toda uma série de comportamentos nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos e cognitivos”(GUATTARI & ROLNIK,S,1996, p.323).

Necessário ainda acrescentar que o conceito de cultura aqui utilizado acaba por estabelecer-se dentro da definição de Rodrigues (2008):

a cultura é forma de convivência com as diferenças e com os sentidos, (...) com as identidades, condição básica para existência de significados produzidos pelos discursos e ações presentes na organização social (RODRIGUES, 2008, p.156).

Ainda, de acordo com Bourdieu (1989), “a construção de uma cena musical é o produto não só da inventividade de alguns indivíduos, mas uma construção social, dependendo, assim, de toda uma rede de relações sociais” (BOURDIEU; 1989, p.12). Nota-se então que o sucesso do Festival de Jazz & Blues, embora parta da iniciativa bem pensada de seus criadores, é imensamente dependente a população de Rio das Ostras, que estabeleceu o evento como um local de “experiência” (MAFFESOLI, 2007, p.203) e assim o tornou um espaço de liberdade artística-cultural e intensa diversidade social.

Mas e o petróleo?

Ao longo do estudo que veio a resultar no artigo aqui explanado nota-se sempre a presença de um questionamento e por tal razão percebeu-se a necessidade de acrescentar

esse tópico para tornar a pesquisa em pauta melhor estabelecida. Assim, questiona-se: não serão todas essas transformações espaciais e sociais ocorrentes em Rio das Ostras apenas um efeito da exploração de petróleo na Bacia de Campos (Macaé – RJ), iniciada na década de 70, ao invés de uma nova configuração territorial causada pelo Festival de Jazz & Blues? Sim e não.

A partir de análise de dados disponibilizados pelas prefeituras das cidades da região dos lagos do estado do Rio de Janeiro em suas *homepages* oficiais, percebe-se que sim, de certa maneira todas as cidades da região receberam uma injeção de investimento com a exploração da Bacia de Campos; muitas delas apresentando inclusive um grande crescimento populacional – Rio das Ostras possuindo o maior do estado, cerca de 11% ao ano. Além disso, Macaé, cidade litorânea com aproximadamente 28 quilômetros de distância de Rio das Ostras e sede das operações da Bacia de Campos, mostra-se em crescimento econômico e social relevante.

Porém, mesmo com a constatação de um crescimento generalizado na região por razão dos *royalties* do petróleo, Rio das Ostras ainda se destaca em transformações culturais e estruturais. Desde a instalação da estatal da Petrobrás, Macaé recebeu a instalação de mais de 4 mil empresas, entre elas grandes multinacionais e hoje possui mais de 200 mil habitantes, porém estruturalmente a região não demonstra grandes mudanças. Além disso, o capital da cidade se mostra intensamente vinculado à exploração de petróleo, oscilando com o mercado a cada vez que a Petrobrás demonstra queda comercial.

Rio das Ostras em compensação mostra-se abalada pela conjuntura atual de crise do petróleo, porém ainda economicamente independente por conta de suas taxas altas de turismo. Ainda, as mudanças estruturais na cidade continuam em alta, mesmo com a imobilização do mercado de *royalties*. Além disso, de acordo com a *webpage* do programa Cidades Sustentáveis:

O município [de Rio das Ostras] hoje é considerado referência em iniciativas culturais permanentes que deram início a programas e projetos de geração de emprego e renda, aliados ao princípio da autogestão financeira da Fundação Rio das Ostras de Cultura, instituição que gerencia as ações do setor no município.

Considerações finais

Percebe-se então que Rio das Ostras encontra-se em meio a um intenso processo de transformações espaciais e estruturais, boa parte delas causadas pelo impacto cultural do Festival de Jazz & Blues. Porém tais transformações são possibilitadas também pela recente

injeção de investimentos que a exploração de petróleo da Bacia de Campos (Macaé – RJ) proporcionou, ainda que não sejam dependentes dela.

O fenômeno ocorrente em Rio das Ostras mostra-se intensamente vinculado a recente popularização do Jazz & Blues no estado do Rio de Janeiro e a perda de tal gênero de um conceito elitista, de público refinado. Mas além disso, a gratuidade do evento e sua fácil acessibilidade demonstra que há uma demanda por eventos públicos em espaços centralizados por meio das massas riostrenses, “assim como das cariocas” (HERSCHMANN, 2010).

Mostra-se ainda que a fácil acessibilidade de um evento cultural pode gerar intensas transformações espaciais e sociais, em um ambiente propício e receptivo a sua presença. Além de uma espontânea inclusão social, dada através da mistura de públicos atraídos cada por uma razão, mas convivendo dentro de um mesmo território social.

Por fim, percebe-se ainda que a continuação do sucesso do festival encontra-se interligado ao setor comercial de Rio das Ostras e seu firme posicionamento a favor da gratuidade do evento. E que mesmo o evento não tendo tido o sucesso planejado e atraído o turismo de relevância econômica para a cidade esperado, as modificações estruturais e “ressignificações espaciais” (HERSCHMANN & FERNANDES, 2011) colocam o Festival de Jazz & Blues em uma posição de grande importância econômica e bem sucedido no melhoramento sociocultural da cidade de Rio das Ostras.

Referências bibliográficas

GOMES, L. F. **Cinema nacional**: caminhos percorridos. São Paulo: Ed.USP, 2007.

RODRIGUES, J. P. Ofertas de Sentidos de Identidades Culturais nas Mídias Impressas Piauienses. In: SAID, G. **Comunicação**: novo objeto, novas teorias?. Teresina: EDUFPI, 2008

NEGUS, K. O Business do Rap: entre a rua e os escritórios dos executivos das gravadoras. In: HERSCHMANN, M. M. **Nas bordas e fora do mainstream musical**: novas tendências da música independente no início do século XXI. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2011

ACSELRAD, H. **Cartografias sociais e território**. Rio de Janeiro: UFRJ/IPPUR, 2008

BORDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989

CALADO, C. **O jazz como espetáculo**. São Paulo: Perspectiva, 2007

DELEUZE, G. & GUATTARI, F. **Mil Platôs. Capitalismo e esquizofrenia v.1**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995

FERNANDES, C. S. Música e Sociabilidade: o samba e o choro nas ruas-galerias do centro antigo do Rio de Janeiro. In: HERSCHMANN, M. M. **Nas bordas e fora do mainstream musical: novas tendências da música independente no início do século XXI**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2011

FREIRE FILHO, J. & MARQUES, F. **Jovens, Espaço Urbano e Identidade: Reflexões sobre o Conceito de Cena Musical**. Rio de Janeiro: Intercom, 2005b

GUATTARI, F. & ROLNIK, S. **Micropolítica: cartografia do desejo**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1996

HERSCHMANN, M. M. **Alguns apontamentos sobre o crescimento do carnaval de rua na cidade do Rio de Janeiro no início do século XXI**. Rio de Janeiro: 2013

HERSCHMANN, M. M. **Indústria da música em transição**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2010

HERSCHMANN, M. M. & FERNANDES, C. S. **Música nas ruas do Rio de Janeiro**. São Paulo: Intercom, 2014

HOBSBAWM, E. J. **História Social do Jazz**. São Paulo: Paz e Terra, 2005

LATOUR, B. & HERMANT, E. **Paris ville invisible**. Paris: La Découverte, 1998

LIMA, M. G. **Pérola entre o rio e o mar: História de Rio das Ostras**. Rio das Ostras: Fundação Rio das Ostras de Cultura, 1998

MAFFESOLI, M. **O ritmo da vida**. Rio de Janeiro: Record, 2007

OLIVEIRA, A. C. **Democratização do Processo Decisório em Municípios Beneficiários dos Royalties Petrolíferos: a experiência de Rio das Ostras**. Campos dos Goytacazes: CEFET, 2008

PORTAL PREFEITURA DE RIO DAS OSTRAS. **Dados do Município**. Disponível em: <<http://www.riodasostras.rj.gov.br/dados-do-municipio.html>>. Acesso em: 15/07/2015

PORTAL PREFEITURA DE MACAÉ. **Economia**. Disponível em: <<http://www.macaee.rj.gov.br/conteudo/leitura/titulo/economia>>. Acesso em: 15/07/2015

PROGRAMA CIDADES SUSTENTAVEIS. **Rio das Ostras, RJ.** Disponível em: <
<http://indicadores.cidadessustentaveis.org.br/br/RJ/rio-das-ostras>>. Acesso em: 10/07/2015

PORTO, S. **Pequena História do Jazz.** Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1953